



CURSO DE PSICOLOGIA

MARIA ELENA CASTILLO FONTALVO

**OS DESAFIOS DAS MULHERES NA CONCILIAÇÃO DO TRABALHO
DOMÉSTICO, TRABALHO FORMAL E ESTUDOS DURANTE O
PERIODO DE DISTANCIAMENTO SOCIAL NA CIDADE DE
FORTALEZA**

FORTALEZA

2022

MARIA ELENA CASTILLO FONTALVO

**OS DESAFIOS DAS MULHERES NA CONCILIAÇÃO DO TRABALHO
DOMÉSTICO, TRABALHO FORMAL E ESTUDOS DURANTE O PERÍODO DE
DISTANCIAMENTO SOCIAL NA CIDADE DE FORTALEZA.**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial à
obtenção do título de Bacharel em
Psicologia pela Faculdade Ari de Sá.

Orientadora: Prof. Dra. Barbara Barbosa
Nepomuceno.

Aprovado(a) em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Barbara Barbosa Nepomuceno.
Faculdade Ari de Sá

Prof. Dra. Elívia Camurça Cidade
Faculdade Ari de Sá

Prof. Karine Lima Verde Pessoa
Faculdade Ari de Sá

OS DESAFIOS DAS MULHERES NA CONCILIAÇÃO DO TRABALHO DOMÉSTICO, TRABALHO FORMAL E ESTUDOS DURANTE O PERÍODO DE DISTANCIAMENTO SOCIAL NA CIDADE DE FORTALEZA.

Maria Elena Castillo Fontalvo
Barbara Barbosa Nepomuceno

RESUMO

A chegada da pandemia de Sars-Covid-2 no Brasil, impôs o distanciamento social como medida de proteção e prevenção. De março a julho de 2020, houve uma sobreposição da realização de atividades no âmbito domiciliar, assim trabalho doméstico, trabalho formal e estudos, ocorriam no mesmo local. Sabendo que existe uma disparidade entre o tempo dedicado ao trabalho formal e doméstico entre homens e mulheres, marcada pelo gênero, o presente estudo se propõe, através de uma visão psicossocial, compreender os desafios das mulheres de Fortaleza na conciliação das atividades domésticas (tempo dedicado e pessoas envolvidas) realizadas durante o distanciamento, identificar as demandas relacionadas aos contextos de trabalho e estudo, e finalmente compreender os sentimentos vivenciados e por elas em relação a tais demandas. As entrevistas semiestruturadas visam acessar às demandas e sentimentos vivenciados no distanciamento. Para a investigação, foi utilizado o método da análise de conteúdo temática. Os resultados evidenciam dificuldade na conciliação e separação das atividades domésticas, de trabalho formal e acadêmicas no âmbito do contexto doméstico. As atividades domésticas apareceram tanto na forma prática (lavar a louça, limpar a casa, e cozinhar), como no trabalho emocional de cuidado e preocupação com os familiares, atividades frequentemente realizadas por mulheres. Sobre o contexto de trabalho, a não separação entre o lar e o trabalho levou a alguns empregados a sentir um aumento do poder patronal. Também as instituições de ensino, se apresentaram como potenciais espaços de acolhimento para questões de sofrimento psíquico. Além da sobrecarga e desamparo identifica-se sentimentos de resiliência e enfrentamento na população estudada. O estudo demonstrou como a desigualdade na distribuição das atividades domésticas pode deixar as mulheres sobrecarregadas, fenômeno intensificado pela pandemia.

Palavras-chave: *distanciamento social, gênero e divisão sexual do trabalho*

RESUMEN

La llegada de la pandemia de Sars-Covid-2 a Brasil, impuso el distanciamiento social como medida de protección. De marzo a julio de 2020, en Fortaleza, Brasil hubo una superposición de actividades en el espacio doméstico. Sabiendo que existe disparidad entre el tiempo dedicado al trabajo formal y doméstico entre hombres y mujeres, delimitado por el género, este estudio se propone, a través de una visión psicosocial, a comprender los desafíos de las mujeres de la ciudad de Fortaleza, Brasil en la conciliación del trabajo doméstico, trabajo formal y estudios, describiendo como se presentan las actividades (tiempo dedicado y quienes participan) realizadas durante el distanciamiento, identificando las demandas relacionadas al contexto de trabajo y estudios universitarios y finalmente comprendiendo los sentimientos vivenciados por ellas relacionados a tales demandas. Las entrevistas semiestructuradas visan atender a las demandas y sentimientos vivenciados en el distanciamiento. Para la investigación, fue utilizado el método de análisis de contenido temático. Los resultados evidencian dificultad en la conciliación y separación de las actividades domésticas, de trabajo formal y académicas en el contexto doméstico. Las actividades domésticas aparecieron tanto de forma práctica (lavar los platos, limpiar la casa y cocinar), como el trabajo emocional de cuidado y preocupación con los familiares, actividades que frecuentemente son realizadas por mujeres. Sobre el contexto de trabajo, la no separación entre la casa y el trabajo llevó a algunos empleados a sentir un aumento del poder patronal. También las universidades, se presentaron como espacios potencialmente receptivos para entender el sufrimiento psíquico. Además de la sobrecarga y desamparo identificamos sentimientos de resiliencia y enfrentamiento en el grupo estudiado. Esta investigación demostró como la desigualdad en la distribución de las actividades domésticas puede dejar a las mujeres sobrecargadas, un fenómeno que es intensificado por la pandemia.

Palavras clave: *distanciamiento social, género e divisão sexual do trabalho*

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho de conclusão de curso visa explorar, a partir de uma abordagem psicossocial, as peculiaridades da divisão sexual do trabalho durante o período de distanciamento social, em virtude da pandemia de COVID-19, na cidade de Fortaleza, Ceará. O fazer do psicólogo, apesar do senso comum afirmar o contrário, é um fazer político, como está descrito nos princípios fundamentais I e II do Código de Ética do Psicólogo (2005):

II. O psicólogo trabalhará visando promover a saúde e a qualidade de vida das pessoas e das coletividades e contribuirá para a eliminação de quaisquer formas de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.

III. O psicólogo atuará com responsabilidade social, analisando crítica e historicamente a realidade política, econômica, social e cultural (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2005, p. 7)

Apesar do código de ética prezar pela luta contra as diversas formas de violências, no estudo da psicologia, principalmente, a clínica, ainda não se fala o suficiente no que tange a relações de poder e como essas influenciam na construção da psiquê do sujeito.

O ano da construção desse trabalho de conclusão de curso, 2020, período em que várias lutas, dilemas éticos e debates que previamente se mantinham em determinadas “bolhas” ganharam visibilidade, com estado de emergência da população, não apenas houve a necessidade de pensar políticas públicas para amenizar os impactos da pandemia de COVID-19, mas também a internet mediava as interações humanas em um nível jamais visto. Sem dúvidas, um cenário fascinante para as pesquisas nas ciências sociais e na saúde. Ouvíamos que estávamos no mesmo barco, mas a real pandemia não estava sendo vivenciada da mesma forma para todos.

Dessa forma, este estudo leva em consideração 3 pontos: primeiramente, o espaço onde é realizado (Fortaleza e região metropolitana); secundamente, o tempo que é realizado: o lockdown, o período de distanciamento social com o máximo de restrições, que aconteceu em março de 2020; e, terceiramente, os recortes de gênero e de classe na população estudada, visto que nosso grupo participante da pesquisa é um grupo bastante específico (mulheres cis, estudantes matriculadas no ensino superior e trabalhadoras cujos trabalhos podem ser realizados desde casa em regime *homeoffice*, trabalhos de natureza intelectual).

Contextualizando, no final do ano de 2019, aparece uma nova espécie de coronavírus, de contágio rápido, que em poucos meses se espalhou pelo mundo e ganhou o status de pandemia em março de 2020 (OMS, 2020). Segundo a OMS (2020), o termo pandemia se refere à “distribuição geográfica de uma doença e não à sua gravidade”, reconhecendo que, nesse momento, havia surtos de Sars-Covid-2 em vários continentes. O vírus é responsável por transmitir a doença COVID-19, caracterizada por sintomas de uma gripe comum - em ocasiões, assintomático e em casos graves, causando danos nas vias respiratórias semelhantes à pneumonia (BRASIL, 2020b).

A facilidade de proliferação, o desconhecimento inicial da estrutura do vírus, a falta de investimento em pesquisa em saúde no Brasil a falta de ações imediatas dos governos para a prevenção da chegada da doença no Brasil, entre outros fatores, contribuiu para o aumento exponencial dos casos de Covid-19.

Nos primeiros meses de 2020, o controle da pandemia passou a ser prioridade de todos - desde os governos até as associações filantrópicas no mundo todo - visando evitar a superlotação dos sistemas de saúde e diminuir a curva de contágio. No Brasil, apesar da desorganização, para vários estados, a opção mais viável para atingir este objetivo foi o distanciamento social. Aquino et al (2020, p. 2425) explicam o distanciamento social como:

Medidas que têm como objetivo reduzir as interações em uma comunidade, que pode incluir pessoas infectadas, ainda não identificadas e, portanto, não isoladas. O caso extremo de distanciamento social é a contenção comunitária ou bloqueio (em inglês, lockdown) que se refere a uma intervenção rigorosa aplicada a toda uma comunidade, cidade ou região através da proibição de que as pessoas saiam dos seus domicílios – exceto para a aquisição de suprimentos básicos ou a ida a serviços de urgência – com o objetivo de reduzir drasticamente o contato social. (AQUINO et al, 2020, p. 2425)

As medidas dos estados para evitar a transmissão do COVID-19 trouxeram não apenas mudanças econômicas, mas, também, nos modos de vida das populações e nas relações de trabalho. Junto com o distanciamento, vieram discursos positivos, incentivando as pessoas a “ver o lado bom da pandemia” - significando-a como um momento para parar um pouco, relaxar, aprender coisas novas, investir em autoconhecimento, entre outros. No entanto, as empresas não demoraram para se ajustar, com a ajuda de novas tecnologias, que nos permitem

realizar atividades em tempo real, o “parar” tornou-se inviável para muitos – inclusive, éramos encorajados a ser produtivos mesmo em crise.

Vários serviços, catalogados como não-essenciais, passaram a ser realizados dentro de casa, na modalidade conhecida como teletrabalho - ou *home-office*. O teletrabalho já existia antes da pandemia, e é definido pela Organização Internacional do Trabalho (2020 p.2) como trabalho pelo uso de tecnologias de informação e comunicação (TIC). Logo, é caracterizado por ser realizado fora das instalações da entidade empregadora.

Em circunstâncias normais os benefícios do teletrabalho incluem a redução dos tempos de deslocação, o aumento da concentração nas tarefas de trabalho longe das distrações do escritório, bem como uma oportunidade para um maior equilíbrio entre a vida profissional e pessoal. (OIT, 2020 p.2)

No que se refere às atividades educacionais presenciais, no Estado do Ceará, houve a suspensão dessas, a partir do dia 18 de março, e as instituições de ensino se viram forçadas a escolher entre parar as atividades ou procurar métodos alternativos para dar continuidade às atividades acadêmicas/escolares. No caso, o método alternativo mais viável para instituições de ensino particulares, eram as aulas online. Posteriormente, com mais obstáculos, as instituições de ensino públicas aderiram também ao regime remoto. Ademais, o Conselho Nacional de Educação (CNE) emitiu o parecer CNE/CP Nº 05/2020, contemplando a necessidade e as possibilidades envolvendo a adaptação ao ensino remoto.

Com o fechamento parcial das creches e escolas, vários pais se encontraram participando de maneira mais ativa nos processos socioeducativos dos seus filhos, em um espaço reduzido. Assim, supõe-se que durante a pandemia de COVID-19, ao misturar os espaços, balancear distintas atividades se tornou um desafio maior.

Agora, mais do que antes, o espaço doméstico é vivido (e refletido) mais intensamente com a família confinada em casa, ao mesmo tempo em que nossas ações continuam nos conectando com o mundo externo à casa. Tarefas domésticas de abastecimento (presenciais ou *online*), o trabalho remoto ou à educação domiciliar das crianças, bem como outras práticas da rotina da mãe-trabalhadora, evidenciam que pensar nossa ação enquanto sujeita nos coloca fortemente em contato com o sentido aberto da espacialidade que estamos analisando.” (OLIVEIRA, 2020 p.161)

Assim, surgiu a obrigação de se adaptar a um modo de vida com o mínimo de contato físico. Confinados, a residência passou a ser “palco” de todas as

atividades possíveis, e junto com esse aumento na ocupação desse espaço, há o aumento de atividades domésticas a serem realizadas.

Durante este período de distanciamento social, surgiram reportagens e discussões sobre as dificuldades das mulheres em conciliar o trabalho formal, doméstico e outras atividades.

Para as mulheres, na verdade, se impõe a superexploração, em um processo invisibilizado de alta demanda por produzirem o tempo todo, em meio ao turbilhão de manterem a disciplina mental e a capacidade criativa, resguardarem tempo físico para organizar o trabalho junto a atividades domésticas e de cuidados que seguem sob sua responsabilidade e, muitas vezes, junto ao assombro das relações familiares conflituosas e da violência doméstica. (ALMEIDA,2020 p.46)

No presente artigo, consideramos a residência como um espaço multifuncional, que pode ser tanto um espaço de proteção como um de produção e reprodução de violências. A repartição desigual das tarefas pautadas pelo gênero, vem junto com expectativas sociais do que é “ser mulher” e dos papéis esperados do sexo feminino na sociedade patriarcal.

Quando se fala de relações de poder dentro de uma casa, pensa-se apenas na violência doméstica. Por isso, bell hooks (2020, p. 95) sugere a troca do termo “violência doméstica” para “violência patriarcal”, porque, para ela, a “violência doméstica” atenuaria e isolaria esta modalidade de violência para o ambiente privado no lar, enquanto a violência patriarcal não é restrita ao lar nem à relação homem-mulher. A opressão patriarcal não está limitada a um único ambiente; enquanto novos espaços são ocupados pela classe feminina, o velho modelo patriarcal ainda está presente na estrutura social.

A divisão desigual das tarefas domésticas não é um fenômeno isolado, e, sim, um mecanismo que reforça a desigualdade entre os sexos. A conciliação entre o trabalho produtivo e reprodutivo é um desafio, como apontado em estudo realizado pela SEMPREVIVA ORGANIZAÇÃO FEMINISTA e a ORGANIZAÇÃO FEMINISTA GÊNERO E NÚMERO (2020, p. 39), com 2.641 mulheres, no Brasil, “65,4% disseram que a responsabilidade com o trabalho doméstico e de cuidado dificulta a realização do trabalho remunerado. Entre as mulheres brancas, 20% consideram que dificulta um pouco, 12% que dificulta muito e 1,7% que inviabiliza totalmente. Entre as mulheres negras, 17% consideram que dificulta um pouco, 11,7% que dificulta muito e 2,6% que inviabiliza totalmente.”

De acordo com um relatório do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no Brasil, em 2016, as mulheres se dedicaram aos cuidados de pessoas e/ou afazeres domésticos cerca de 73% a mais de horas do que os homens. Sendo o Nordeste a região com maior desigualdade na distribuição de horas dedicadas, onde as mulheres dedicavam em torno de 80% a mais de horas do que os homens, totalizando em média de 19 horas semanais (IBGE, 2018).

Mulheres que necessitam conciliar trabalho remunerado com os afazeres domésticos e cuidados, em muitos casos, acabam por trabalhar em ocupações com carga horária reduzida, sendo o Norte e Nordeste os estados onde as mulheres mais optam por trabalhos de maneira parcial (IBGE, 2018). Quatro anos depois da publicação do relatório do IBGE (2018), nos deparamos com o desafio de vivenciar uma pandemia global, e para estudar os impactos é preciso conhecer os elementos que demarcam a realidade da população. Com base nisso, o gênero já demarca uma diferença nas realidades.

De acordo com as estatísticas apresentadas (IBGE, 2018), a conciliação entre o trabalho doméstico e formal é parte da realidade das mulheres economicamente ativas no Nordeste.

Para interpretar esses dados, primeiramente, precisamos entender que o fenômeno da “conciliação não é uma escolha individual, e, sim, fruto da divisão sexual do trabalho que nasce das relações sociais”. Conforme apontam Hirata e Kergoat (2007 p.599), a divisão sexual do trabalho não é apenas o diferencial de homens e mulheres no mercado de trabalho junto a divisão desigual do trabalho doméstico entre os sexos, e, sim, um produto do sistema capitalista permeado por questões sócio-históricas profundas, e, além disso, elas afirmam que existe, por trás dessa divisão, dois princípios: o de separação (há trabalhos masculinos e femininos) e o hierárquico (trabalho masculino vale mais que o trabalho feminino).

Essa discussão data no começo dos anos 70, quando as feministas estadunidenses lutavam para que o trabalho doméstico não apenas fosse reconhecido como tão importante quanto o trabalho formal, mas também que fizesse parte do contrato social através do salário.

A publicação do artigo “*The political economy of women's liberation*”, escrito pela norte-americana, Margaret Benston, em 1969, foi um marco para este movimento. O texto foi uma das primeiras teses sobre a função essencial do trabalho doméstico não assalariado na manutenção do sistema capitalista. Nela, a

autora discorre sobre a naturalização da submissão feminina passada de geração em geração e como esta atividade não remunerada é essencial na produção da força de trabalho, e como sua finalidade é lucrar e conservar a ordem social.

São necessários pelo menos vinte anos de socialização e treinamento diários, realizados por uma mãe não remunerada, para preparar a mulher para esse papel, para convencê-la de que crianças e marido são o melhor que ela pode esperar da vida. Mesmo assim, dificilmente se tem êxito. (FEDERICI, 2019 p.43)

Um livro contemporâneo que discorre sobre a divisão sexual do trabalho é “O ponto zero da Revolução”, da Silvia Federici (2019), e no parágrafo escolhido na citação anterior, descreve precisamente como na interação social as meninas aprendem, das mães, a servir aos homens em troca de afeto. Isto ocorre, segundo a autora, não apenas introjetando o papel de dona de casa como natural e desejável pra pessoas do sexo feminino, mas, também, responsabilizando-as desde o começo das suas vidas pelo cuidado do bem-estar físico e emocional da família.

Discutir a saúde mental em uma ótica feminista de gênero e levar em conta as relações de poder regulatório e geradoras de relações diferenciais e propor uma reflexão e ação crítica a respeito do seu impacto na vida das mulheres e dos homens (VIANNA; DINIZ, 2014 p. 101).

No entanto, segundo Silvia Federici (2019 p. 100), para as novas gerações de mulheres, casar-se jovem e cuidar da família parece cada vez menos interessante, porque, hoje, o trabalho formal é mais incentivado e se tornou um objetivo mais aceitável do que apenas se tornar “mãe de família”. Inclusive, muitas mulheres narram que ser mãe atrapalha não apenas o avanço profissional, mas também o acesso a vários espaços.

Atualmente, várias pessoas, independentemente do gênero e/ou orientação sexual, desejam formar uma família. Muñoz Terrón e Martín Palomo (2010, p.157) perceberam isso a partir de um estudo intergeracional espanhol. Nele, não encontraram uma diferença significativa dentro da amostra entre os sexos no desejo de formar uma família. Não obstante, na sociedade espanhola, a discrepância se encontrou no tempo dedicado às atividades domésticas e aos cuidados dos membros da família (crianças, idosos etc.), confirmando que a idealização em torno do lar, a vida a dois e o casamento ainda está presente, mas

que nas sociedades ocidentais, as mulheres cis gênero estão numa espécie de limbo entre os novos e velhos modelos de cuidado e de relações de trabalho.

Sobre a inserção da mulher no mercado de trabalho, Hirata e Kergoat (2007 p. 604) acrescentam que veio em conjunto a expectativas e lutas para a mudanças no “modelo tradicional” de divisão de tarefas na esfera privada.

Apesar de mudanças sutis e da existência de casais cis gênero e heterossexuais que “fogem da norma”, a conciliação ainda é esperada principalmente das mulheres, enquanto os homens podem escolher “abrir mão” das atividades domésticas. O IBGE (2018 p. 3-4) entende que as mulheres brasileiras ainda escolhem empregos com salários e cargas horárias menores para que possam dedicar tempo às atividades domésticas, o que aparenta dificultar o avanço profissional. Isso é respaldado por uma pesquisa mais recente, que explora o contexto de pandemia, realizada pela “Gênero e Número” e “Sempreviva Organização Feminista (SOF)” (2020, p.40), onde 65,4% das mulheres concordavam com tal afirmação.

Hirata e Kergoat (2007 p. 603-605) também pontuam a existência de três modelos divisão das tarefas domésticas: o tradicional, o de “delegação” e o de “conciliação”. No modelo tradicional, é ligado a uma noção de complementariedade entre os sexos, o papel na família e o papel doméstico assumidos inteiramente pelas mulheres, e o papel de “provedor” sendo atribuído aos homens.

Ademais, no modelo de delegação, o trabalho reprodutivo é realizado por uma empregada doméstica - uma mulher assalariada, sem grau de parentesco. Entretanto, com o advento do distanciamento social, ocasionado em detrimento da pandemia de coronavírus, muitas famílias optaram por afastar e/ou demitir as empregadas domésticas. Com isso, muitas mulheres tiveram que realizar algumas atividades, como cuidar da limpeza do lar pela primeira vez.

Para falar do modelo de conciliação de maneira realista, podemos parafrasear Federici (2019 p.22), “conseguir um segundo emprego nunca nos libertou do primeiro” - o segundo emprego refere-se ao trabalho produtivo, e o primeiro, ao trabalho reprodutivo. Tendo em vista o acréscimo da dupla ou tripla jornada, que contribui com a distribuição desigual do trabalho doméstico e pode ter um efeito alienante, ela também acrescenta que:

(...) o segundo trabalho não só aumenta nossa exploração como também reproduz simplesmente o nosso papel de diversas formas. Para onde quer

que olhemos, podemos observar que os trabalhos executados por mulheres são meras extensões da condição de donas de casa em todas as suas facetas (FEDERICI, 2019, p. 50).

Dessa forma, a autora argumenta que não apenas realizamos o trabalho emocional dentro de casa, mas também fora dela. Existem expectativas desiguais para homens e mulheres dentro do universo do trabalho produtivo, como a expectativa (não-explicita) de realizar o trabalho sem deixar de performar a feminilidade ou de oferecer escuta empática às reclamações e desabafos dos colegas de trabalho - atitude que não é esperada dos homens.

No ensino superior, hoje, as mulheres atingem, em média, um nível de instrução superior ao dos homens - quando comparados por raça (mulheres brancas – homens brancos - mulheres negras – homens negros). A maior diferença no percentual por sexo, encontra-se no nível “superior completo”, especialmente entre as pessoas da faixa etária mais jovem, de 25 a 44 anos de idade, em que o percentual de homens que completou a graduação foi de 15,6%, enquanto o de mulheres atingiu 21,5 - indicador 37,9% superior ao dos homens (IBGE, 2018). No entanto, como no mercado de trabalho existe essa disparidade, é possível que exista também na subjetividade que envolve a vivência do ensino superior.

Dalpiaz et al (2021 p. 113.) realizaram uma pesquisa com estudantes brasileiros, no ensino superior, procurando medir a incidência de sintomas de ansiedade e depressão durante o distanciamento social. A revisão literária confirmou que mulheres, estudantes e pacientes com covid-19, nesse momento, apresentaram com maior frequência sintomas de ansiedade, depressão e estresse.

Sendo assim, desperta-se a curiosidade de entender como mulheres universitárias, economicamente ativas, da cidade de Fortaleza, vivenciam o momento pandêmico como significam o “lar” e quais as implicações psicológicas nas adaptações ao ensino remoto e trabalho formal em tempos de COVID-19.

Levando em consideração o citado anteriormente, traçamos o objetivo geral de compreender os desafios das mulheres na conciliação do trabalho doméstico, trabalho formal e estudos durante o período de distanciamento social.

Portanto, há os objetivos específicos de a) descrever como se apresentam as atividades domésticas realizadas durante o distanciamento social; b) identificar as demandas relacionadas ao trabalho formal e ao estudo no contexto da pandemia; c)

compreender os sentimentos vivenciados pelas mulheres em relação às demandas de conciliação entre trabalho doméstico, trabalho formal e estudos.

Com o auxílio das entrevistas semiestruturadas, foi solicitado ao público participante descrever como se apresentavam as atividades realizadas durante o distanciamento social, visando uma compreensão ampla dos sentimentos vivenciados por elas. Espera-se que, a partir desta pesquisa, seja possível promover discussões acerca da construção da subjetividade no momento pandêmico, para futuramente pensar intervenções em saúde mental que contemplem mulheres neste perfil: que vivenciaram o distanciamento.

2 METODOLOGIA

A pesquisa possui caráter qualitativo. Sobre este método, Minayo (2010 p.57) destaca que este “se aplica ao estudo da história, das relações, das representações, das crenças, das percepções e das opiniões, produtos das interpretações que os humanos fazem a respeito de como vivem, constroem seus artefatos e a si mesmos, sentem e pensam”. Por este motivo, o método qualitativo é amplamente utilizado nas ciências humanas, assim, acreditamos que é o mais adequado para um estudo sobre subjetividades em um momento específico da história.

Outra característica que vale a pena ressaltar do estudo qualitativo, é o exercício do pesquisador, que essencialmente assume o lugar de instrumento de pesquisa, uma vez que interage ativamente com o ambiente. Então, é preciso de rigor, reconhecendo que a presença dele já é uma variável que pode alterar o comportamento da população estudada, necessitando, portanto, de um cuidado e compromisso ético de manipular o menos possível as narrativas do público-alvo.

Neste estudo, realizamos entrevistas semiestruturadas online, utilizando como método de organização a Análise de Conteúdo Temática (BARDIN, 1997), explorando as queixas da população participante relacionadas às atividades curriculares a distância, a adaptação ao teletrabalho, os desafios presentes na divisão de tarefas no ambiente doméstico e a promoção de saúde mental durante o período de distanciamento social.

2.1 CONTEXTO E PARTICIPANTES DA PESQUISA

A pesquisa foi realizada na cidade de Fortaleza, capital do Estado do Ceará, localizada na região Nordeste do país, sendo uma das duas regiões metropolitanas e sede administrativa do estado, com população estimada de 2.669.342 habitantes (IBGE, 2019).

No último censo demográfico, a porcentagem de mulheres, em Fortaleza, era de 53,19% em relação a 46,81% de homens (IBGE, 2011 p.84). Devido a pandemia, o censo continua adiado e os dados populacionais do Brasil estão desatualizados.

A amostra contou com 4 (quatro) estudantes, do sexo feminino, matriculadas em cursos de graduação do Ensino Superior, que trabalhavam em atividades produtivas assalariadas, desde casa, e que participaram do distanciamento social com a família e/ou companheiro durante o período de março a julho de 2020. Foram realizadas 4 (quatro) entrevistas com estudantes de distintas universidades públicas e privadas, entre as idades de 20 e 42 anos de idade, sendo explorado sobre as suas rotinas e sentimentos vivenciados durante o lockdown. A tabela a seguir apresenta o perfil das entrevistadas.

Tabela 1 – Perfil das Entrevistadas

Nome Fictício	Idade	Estado Civil	Nº de Co-habitantes	Parentesco	Instituição de Ensino	Tipo de trabalho
Olivia	20	Solteira	2	Mãe e pai	Pública	Teletrabalho
Rita	19	Solteira	2	Mãe e padrasto	Privada	Teletrabalho
Celia	42	Divorciada	3	Mãe e 2 filhos	Privada	Trabalho a domicílio
Adriana	39	Casada	4	Marido e 3 filhos	Privada	Teletrabalho

Fonte: elaborado pela autora.

2.2 INSTRUMENTOS DE COLETA E ANÁLISE DE DADOS

Dentre as modalidades da entrevista, escolhemos a semiestruturada. Sua construção se dá a partir de um roteiro (APÊNDICE A), com um conjunto de temas preparados com antecedência para explorar com o entrevistado - é dar ao entrevistador a possibilidade de acessar conteúdos centrais através do diálogo e uma maior liberdade ao entrevistado de falar aquilo que é central para ele (NUNES, 2016).

As categorias exploradas nas entrevistas foram as seguintes: gênero, distanciamento social, trabalho produtivo e cuidado. Para a análise do material

coletado, utilizamos o método da Análise de Conteúdo (BARDIN, 1977), técnica que visa reconhecer núcleos de sentidos quantificando os temas mais frequentes nas respostas.

Segundo Minayo (2010 p.308), “a análise de conteúdo parte de uma leitura em primeiro plano das falas, depoimentos e documentos para atingir um nível mais profundo, ultrapassando os sentidos manifestos do material”. Dessa forma, acontece a relação entre significantes e significados, articulando a superfície dos enunciados com os fatores que determinam suas características, variáveis psicossociais, contexto cultural e maneira de produção das mensagens.

Bardin (1977 p.95) divide o processo em 3 fases:

1. Pré-análise: caracterizada pelo contato intuitivo com o material presente, construindo hipóteses e projetando teorias adaptadas ao material. Neste momento, demarcamos os objetivos, tendo o cuidado de não deixar de fora nenhum conteúdo.
2. Exploração do Material: administração de técnicas de análise no corpus.
3. Tratamento dos dados: decodificação do material

A modalidade de análise de conteúdo escolhida para a interpretação do material foi a do tipo temática, e a execução foi realizada conforme Minayo (2010 p. 316-318).

Na primeira fase, realizamos a leitura flutuante do material, na qual o contato com o material deve ser intenso, direto e exaustivo, permitindo o estudo do tema escolhido na sua totalidade. Nesta fase, determinam-se as unidades de registro e contexto.

Adiante, na fase seguinte, procuramos palavras-chave nas entrevistas, testamos a frequência e as organizamos com o auxílio de um software de pesquisa - esta fase teve um intuito classificatório, o texto foi reduzido a categorias, que são palavras ou expressões que nos permitem compreender o texto e a agrupação de dados comuns. (MINAYO, 2010).

As entrevistas foram realizadas com o auxílio da plataforma online Big Blue Button, utilizada para vídeo conferências, respeitando o distanciamento social. As

entrevistas foram gravadas com finalidade de auxiliar a transcrição das informações, e ocorreram entre o final de dezembro de 2020 e o começo de janeiro de 2021, resgatando a memória do lockdown, que aconteceu no primeiro semestre de 2020. Os dados coletados foram organizados em categorias e esquematizados com o auxílio do software Atlas.ti.7.5.4.

2.3 ASPECTOS ÉTICOS DA PESQUISA

Prévia à realização das entrevistas, o projeto foi enviado ao Comitê de Ética em Pesquisa - órgão responsável por regular a realização de pesquisa com humanos. Após a aprovação, as entrevistadas assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (APÊNDICE B), em obediência aos critérios da Ética na Pesquisa com Seres Humanos, conforme Resolução 466/12, do Conselho Nacional de Saúde.

Sobre pesquisa em psicologia, prezamos pelo desenvolvimento da psicologia como ciência, buscando um estado de bem-estar social, analisando a realidade e combatendo o preconceito, em prol da dignidade e liberdade, conforme o descrito no Código de Ética do psicólogo (2005). A devolutiva será a publicação do relatório, não haverá retorno financeiro pela participação da entrevistada. As identidades dos participantes serão protegidas através do uso de pseudônimos, respeitando os “Direitos da Personalidade” presentes no Código Civil Brasileiro.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A seguir, dividiremos as respostas nas categorias de análise: Distanciamento social e peculiaridades do distanciamento; atividades domésticas; trabalho formal; estudos; e, finalmente, acolhimento, cuidados e redes de apoio.

Houve dificuldade na hora de escolher os trechos que representam as categorias citadas - isso porque as entrevistadas, em mais de uma ocasião, comparavam as categorias entre si, o que fortalece a hipótese de que ao colocar todas as atividades a serem realizadas no mesmo ambiente, é mais difícil realizar a separação. Verificamos os mesmos tipos de mal-estares (sociais) em mais de uma categoria, como: “papeis de gênero” e a “lógica de produção” que são justamente aqueles que o estudo se propõe a discutir.

No subtópico “Distanciamento social e peculiaridades do distanciamento”, o destaque é a mudança brusca nas interações sociais com o crescente uso das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC). Já no outro subtópico, “Atividades domésticas”, destacamos o tema da divisão sexual do trabalho no espaço doméstico, problematizando os papeis de gênero e salientando a importância na negociação da vida cotidiana. Em “Trabalho Formal”, a proposta é debater as implicações e mudanças nas relações laborais ao adotar o teletrabalho. Por sua vez, em “Estudos”, considera-se como a lógica de produção pode se tornar um fator de risco para a saúde mental dos estudantes no ensino superior, bem como discutiu-se desafios específicos das alunas nos regimes remotos. Finalmente, em “Acolhimento e Redes de apoio” debateu-se como a amostra significa as relações sociais de cuidado e a sua relação com a saúde mental.

3.1 DISTANCIAMENTO SOCIAL E PECULIARIEDADES DO DISTANCIAMENTO

Nesta categoria, contemplamos a adaptação, potencialidades e desafios próprios do momento pandêmico. Com a redução do contato humano, durante o momento do distanciamento social, houve a necessidade de oferecer serviços via teleatendimento, e, assim apareceu, primeiramente, a adaptação ao uso das

tecnologias da informação e comunicação (TIC). Questão que surgiu em algumas entrevistas, como no discurso de Adriana:

precisamos usar a internet para tudo, eu não gostava de computador então foi um desafio aprender a fazer meus pagamentos online e organizar as coisas pessoais tudo por telefone foi desafiador, mas foi bom sabe? aprendi a fazer muita coisa que eu não sabia que era capaz de fazer, desenrolei e hoje faço tranquilamente (...) A gente criou hábito de ir para reunião on-line e fazer tudo (...) houve um lado positivo da pandemia também tecnologicamente falando. (ADRIANA, Entrevista Individual)

Nossas entrevistadas, que são mães com crianças em casa, citam a internet como um aliado para manter as crianças entretidas.

Organizar a rotina das crianças porque eu tinha que fazê-las sentirem felizes dentro de casa com as ferramentas que eu tinha foi difícil fazer realmente as três crianças se sentirem felizes em casa (...) deixar as crianças em casa é complicado, mas quando a internet é utilizada para o bem tem muito filme, jogo etc. Utilizamos ferramentas atrativas para eles, foi bem interessante e tem dado certo. (ADRIANA, Entrevista Individual)

É comum que os pais, no meio das demandas cotidianas, em ocasiões, negligenciem o próprio autocuidado, coisa que discutiremos no tópico “Acolhimento, Cuidados e Redes de apoio”. Não é estranho se deparar com críticas à exposição das crianças na internet, mas será que aquilo diz respeito aos pais? À falta de compromisso deles com os próprios filhos? Aos pais se tornaram incapazes ou preguiçosos com o aparecimento da internet? Será que não são mais cobrados nos trabalhos formais do que antigamente?

A internet, até agora, não tem mostrado conseguir substituir a função do contato social - que sabemos ser necessário para o desenvolvimento das crianças - e com o distanciamento forçado, foram reduzidas as horas de socialização com a família extensa e/ou escola passou a ser tempo de uso a internet.

Também sobre a internet, foi relatada a dificuldade de se desconectar das notícias da pandemia, sem renunciar à possibilidade de socialização.

Quase no final do lockdown porque não suportava ver desgraça, não sentia mais prazer em pegar no meu celular, então eu perdi o contato presencial e o virtual. Dentre os principais desafios nesse momento, ver pessoas,

acompanhar notícias, era insuportável, qualquer coisa externa era insuportável (OLIVIA, Entrevista Individual)

A OMS caracterizou esse momento como infodemia.

O maior acesso global a celulares conectados à Internet, além das mídias sociais, levou à geração exponencial de informações e a um aumento do número de meios possíveis de obtê-las, criando uma epidemia de informações, ou infodemia. Em outras palavras, temos uma situação na qual muitas informações estão sendo produzidas e compartilhadas em todos os cantos do mundo, chegando a bilhões de pessoas (OPAS, 2020)

A OMS precisou entrar em contato com os principais meios de comunicação da época para mudar os algoritmos que, pré-pandemia, priorizavam cliques em detrimento de sites oficiais com informações baseadas na ciência. (OPAS, 2020)

No momento a internet foi crucial para reajustarmos ao mundo, como também na prevenção de que a Sars-Covid-2 causasse um estrago comparável a outras pandemias, mas também demonstra ter um potencial de mudar a relação entre os sujeitos e o mundo.

3.2 ATIVIDADES DOMÉSTICAS E DO CUIDADO

Nesta categoria, colocamos as atividades relacionadas ao cuidado do lar como espaço físico. A pergunta norteadora para esta categoria foi: qual a sua relação com as demandas domésticas? (tempo dedicado, tempo envolvido, quem faz e como) e como se apresentava responsabilidade? Considerando as respostas das entrevistadas, vimos a prevalência de mulheres assumindo as tarefas domésticas. Quando não era a entrevistada, alguma outra mulher que residia na casa assumia a função. A fala de Olívia ilustra tal realidade:

(...) minha mãe trabalha meio expediente. Ou seja, passava a maior parte do tempo em casa, então a maioria das tarefas sobravam para ela. Em 2018, quando ingressei na minha primeira graduação, eu passava o dia inteiro fora, trabalhava e estudava, não tinha como dar conta. Então ficou acordado isso, que ela ficasse responsável por aquelas coisas. E durante a

pandemia continua mesma coisa, por motivos de saúde eu não conseguia fazer nada. (OLIVIA, Entrevista Individual)

Nesse caso, é esperado da mãe da entrevistada que realize a “conciliação”, ou seja, trabalhar com um horário flexível para “cuidar da casa”. Vê-se isso no estudo realizado pelo IBGE (2018), onde o indicador de proporção de ocupados em trabalho por tempo parcial, por sexo mostra um percentual mais elevado de mulheres que trabalham em período parcial, de até 30 horas.

Então podemos dizer que sou uma pessoa que apenas faz obrigações, limpo meu quarto constantemente e lavo a louça até porque a minha mãe tem problemas de saúde quando é para levar alguma roupa na mão, eu também lavo, eu só faço o obrigatório mesmo. Aqui em casa não cozinhamos, poucas vezes que eu e minha mãe cozinhamos. Ela trabalha faz tarefas domésticas durante o dia as vezes minha tia vem ajudar a minha mãe com o trabalho durante a noite. (RITA, Entrevista Individual)

Nesse relato, Rita cita que o parceiro da mãe se envolve apenas nas atividades que dizem respeito a ele (lavar o próprio carro). Em outro momento, comenta “até a minha tia, que não mora aqui, ajuda lavar a louça”, outra mulher da família, que não habita o mesmo espaço, mas divide as tarefas com a mãe da entrevistada.

Adriana, outra entrevistada, passou de delegar (contratar uma mulher para a assumir as tarefas domésticas) para conciliar.

Respeito as atividades domésticas no momento ninguém me ajuda, tinha uma secretária, mas dispensei na pandemia, quando tem muita coisa chamo uma diarista. As minhas filhas também ajudam nos trabalhos domésticos, mas não gosto que elas peguem vidro, facas, nem panelas no fogo. (ADRIANA, Entrevista Individual)

Ela permite que as filhas se envolvam em atividades domésticas, desde que não realizem coisas que ela julga como perigosas.

Por sua vez, Célia, outra entrevistada, quando questionada sobre as atividades domésticas - no caso, realizar o trabalho emocional dos filhos - ela afirma que “quem é mãe não tem opção de escolher, tem que enfrentar”.

Ao comparar-se ambos os discursos, vemos que a primeira entrevistada, antes da pandemia, delegava as atividades domésticas ou dividia com os filhos e marido; já a última, sente a sobrecarga, uma vez que, quando o assunto são atividades domésticas, não se vê dividindo com outras pessoas.

Um estudo similar retratando os desafios na conciliação das atividades domésticas, estudo e trabalho, realizado com universitárias, em Costa Rica, Palma (2020, p.7) afirma que tais discursos transparecem a “naturalização da resistência e resiliência feminina quando no fundo a desigualdade é estrutural”. Ou seja, não é mera coincidência o trabalho reprodutivo seja realizado pelas mulheres. Há uma romantização da figura da mãe, que renuncia a si para cuidar dos filhos, das mulheres que fazem tudo ao mesmo tempo sem perder a feminilidade.

Zanello (2018), na sua teoria dos processos de subjetivação, traz o conceito de dispositivos materno e amoroso, entendendo que a busca pelo amor, primeiro do marido e depois dos filhos, seria parte fundamental da construção social do que é ser mulher.

A diferença física foi transformada desigualdade social tanto atribuição naturalista das tarefas do cuidar (cuidar dos filhos da casa, mas também de enfermos deficientes pessoas idosas etc.), quanto na Invisibilização e desvalorização delas (mesmo quando exercida profissionalmente tem baixos salários e muitas vezes condições precárias) (ZANELLO, 2018 p. 149-150)

Ademais, acrescenta também que para realizar os cuidados, é preciso de conhecimento prévio, assim como de energias física e mental. Ou seja, é um trabalho como qualquer outro, apenas recebeu uma capa afetiva que visa transformar em espontaneidade algo que na verdade é socialmente construído. No entanto, com acesso a uma rede de apoio pode tornar este momento mais suportável.

3.3 TRABALHO FORMAL

Nesta seção, o objetivo é identificar as demandas relacionadas ao trabalho formal durante os primeiros meses da pandemia. A pergunta norteadora para esta categoria foi: como tem sido sua experiência na adaptação ao home-office?. Na amostra estudada, 3 precisaram se adaptar ao regime home-office e 1 já trabalhava dentro de casa.

Nos casos em que aconteceu a mudança do espaço de trabalho, houve a necessidade de adaptar o que se fazia no presencial para o virtual, utilizando a criatividade para criar soluções inovadoras.

No começo de março, sofremos muita dificuldade na ONG com as doações, elas diminuíram bastante e as adoções pararam porque nós sempre fazíamos eventos presenciais. Durante a pandemia a gente teve várias ideias e incluindo a lives on-line na minha casa e as pessoas engajavam nessas ideias nossas adoções aumentaram. Nesse tempo as nossas entrevistas online para adoção foram mais rigorosas, o que demandou bastante tempo de mim. (ADRIANA, Entrevista Individual)

Sobre outra peculiaridade do trabalho remoto, temos a dificuldade para fazer a distinção entre o momento de realização do trabalho produtivo e o reprodutivo, uma vez que o espaço é o mesmo.

Achei que seria fácil, mas não foi porque no ambiente doméstico estão as tarefas de casa que são difíceis de ignorar aí acaba atrapalhando porque acabam distraindo você. No trabalho dificulta para você se concentrar no aqui e agora, por exemplo: as vezes estou no quarto me dá sono e quero tirar um cochilo (RITA, Entrevista Individual).

Nesse trecho, a entrevistada explicita a dificuldade de separar o horário de trabalho e o de descanso, assim como a dificuldade de focar num ambiente cheio de estímulos - algo que também aparece quando o assunto é estudos.

A próxima entrevistada traz, como principal queixa, a sobrecarga no trabalho, que envolve o chefe esperar disponibilidade fora do expediente e que fosse possível produzir mais por estar em casa.

Tem uma questão de vigilância porque se eu estou no escritório e meu chefe está na minha frente, ele vê que estou ocupada trabalhando. Isso é uma coisa, mas a partir do momento que eu estou em casa, ele pressupõe que eu não estou trabalhando. Isso faz com que ele queira que entregue

mais... na cabeça dele, se eu ficasse em casa eu não ia estar trabalhando. Então uma vez ou outra ligava pra perguntar o que estava fazendo naquele momento e pedindo pra olhar... também acontecia dele me ligar depois do expediente momentos em que eu estava indisponível” (OLIVIA, Entrevista Individual)

Aqui, o chefe aparenta ter a dificuldade de fazer tal separação e de respeitar os limites dos empregados. Mourão e Losekann (2020) explicam esse fenômeno:

Ao afastar o olhar do empregador da observação do cumprimento da jornada mínima de seus subordinados (controle de frequência), o teletrabalho pode amplificar o poder patronal, que não mais é restrito ao registro do tempo de presença do corpo em determinado ambiente, mas transforma em ambiente laboral qualquer espaço que esse corpo possa ocupar (LOSEKANN; MOURAO, 2020 p. 73)

Ao misturar o lar com o espaço de trabalho, eles se tornam um só, portanto, o espaço que o empregado esteja ocupando naquele momento, é lido como espaço laboral, o que aumentaria o poder patronal e, conseqüentemente, a exploração dos trabalhadores.

Outro ponto levantado, foi a questão financeira. A próxima entrevistada é autônoma, e a carga de trabalho e o ingresso da casa diminuiu.

Senti angústia pela questão financeira porque os doces que eu faço me ajudam a pagar minha faculdade então a questão era me preocupar da questão financeira isso com certeza até hoje ainda sinto essa preocupação porque nada voltou ao normal então eu tive que reduzir gastos (CELIA, Entrevista Individual).

A entrevistada não especificou quais os gastos que precisou cortar. Também no seu discurso, diz que procurou entender o momento tanto financeiro como emocional das pessoas que encomendavam o produto que ela oferecia (cabe destacar que a renda dela dentro de casa é complementar).

A coisa que mais pesou foi no começo de abril porque meu pai trabalha em um restaurante e o comércio fechou... por um momento fiquei com uma pressão muito grande de ser a única pessoa responsável pela renda da minha casa e eu fiquei muito mal com isso e mantinha ali era principalmente essa responsabilidade quase que iminente na qual me encontrava (OLIVIA, Entrevista Individual).

Para Souza, Rabello e Martins (2020, p. 108) “O temor do desemprego é extremamente desgastante em termos de recursos psíquicos, ocasionando uma carga desmedida visando à manutenção do posto de trabalho, num permanente estresse profissional e possível uso de psicotrópicos”. Apesar do uso de psicotrópicos não ser o caso dessa entrevistada, cabe citar que o risco de desemprego pode ocasionar estresse, desconforto, exclusão social e, conseqüentemente, fator de risco para o desenvolvimento de transtornos psíquicos e/ou agravamento de condições já existentes.

O mais conhecido seria o Síndrome de Burnout, que ganhou recentemente o status de doença ocupacional. O ministério de Saúde (BRASIL, 2022) define como “um distúrbio emocional com sintomas de exaustão extrema, estresse e esgotamento físico, resultante de situações de trabalho desgastante, que demandam muita competitividade ou responsabilidade”. Indica a procura no Sistema Único de Saúde (SUS), a Rede de Atenção Psicossocial (RAPS), que oferece de forma gratuita o tratamento desde o diagnóstico até as medicações.

3.4 ESTUDOS:

A pergunta norteadora para esta categoria foi: qual a sua relação com as demandas envolvendo o estudo?

O momento atual, de enfrentamento da pandemia da COVID 19, evidencia o caráter paradoxal do ensino enquanto mercadoria ao qual as Instituições de Ensino Superior (IES) privadas estão submetidas, uma vez que elas se encontram inseridas na lógica capitalista neoliberal. (SOUZA; RABELLO; MARTINS, 2020)

Escolhemos esse trecho para introduzir o tópico na intenção de reforçar a lógica de produção, que está presente em todas as categorias analisadas e que nos permitirá entender melhor as questões trazidas pelas entrevistadas.

Sobre a continuação dos estudos durante o distanciamento social, 3 das entrevistadas seguiram com a atividade no formato remoto; só 1 realizou uma pausa, devido a estudar numa instituição pública.

Bom, nesse período foi tudo suspenso não estava tendo, eu sei que vários cursos continuaram no começo, mas a FACED¹ não continuou, não tinham essa estrutura tanto que teve até vários projetos de inclusão, chips auxílio para comprar computador, um tablet teve as movimentações e só retornou em agosto (OLIVIA, Entrevista Individual).

Olivia tinha a expectativa de começar o curso de Pedagogia na Universidade Federal. Quando questionada sobre as dificuldades relacionadas ao estudo, cita a realidade de vários estudantes nas universidades federais, que não têm acesso a tecnologia necessária para tornar o distanciamento social viável e participar de um regime remoto. Nesse discurso, houve uma quebra de expectativa de encontrar uma narrativa sobre dificuldades individuais e específicas, em lugar disso, encontramos uma preocupação com o coletivo, uma vez que, apesar de estarmos cada vez mais dependentes da tecnologia, o acesso à tecnologia está longe de ser universal.

Dessa forma, trazemos a questão da inclusão digital. Apesar do crescente uso das tecnologias da informação no Brasil, é importante pensar que nem todos têm acesso, Almeida et. al (2005 p. 65) sugerem que para inclusão digital ocorrer de forma efetiva, não é apenas preciso entregar computadores às pessoas, é preciso de suporte técnico (eletricidade, internet, entre outros), como também instruir as pessoas sobre o uso deles, sem se limitar ao conhecimento técnico. É importante também demonstrar como a tecnologia pode ser um aliado para as pessoas.

Para o mesmo questionamento, Adriana respondeu de uma forma diferente.

Como me ocupava não tinha tempo para me abalar. Mantive o pensamento positivo, é só se organizar, como costumo estudar a noite nunca fui de dormir cedo. Com organização dá certo, quando a gente quer, a gente faz. Mas quando você não quer cria pretexto. (ADRIANA, Entrevista Individual)

O pensamento positivo pode ser um recurso de enfrentamento à crise, mas a recomendação é receber o devido acompanhamento psicossocial, para evitar o agravamento de condições já existentes ou cair em discursos prontos de que a solução é apenas mudar o foco refletindo um ideal neoliberal, que basta se esforçar para conseguir, ignorando tanto problemas estruturais como a subjetividade.

¹ FACED - Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará

Durante o começo do distanciamento social, que na época chamavam de “quarentena”, como citado previamente na introdução, eram comuns os discursos de aproveitar o tempo para o autoconhecimento, desacelerar, entre outros.

No espaço-tempo que nos encontramos, o lazer é (majoritariamente) reservado para quem tem recursos financeiros. Para isso, é até impossível parar tudo para experimentar o ócio.

Para esta entrevistada, foi mais fácil a conciliação, uma vez que ela percebe a família como uma fonte de apoio, de divisão de tarefas, e sua renda, além do mais, é complementar.

Oliveira e Perez (2020 p. 91) realizaram um estudo sobre os desafios do ensino superior durante a pandemia, no qual observaram também dificuldade ao acompanhar os trabalhos e dificuldade na leitura do material, visto que a experiência discente com tecnologia era majoritariamente relacionada às redes sociais, e, não, aos novos dispositivos educacionais.

Uma das nossas entrevistadas relata dificuldades específicas para acompanhar os conteúdos via regime remoto, por distintos motivos.

Eu não esperava isso. Eu meio que me embaralhei em todas as tarefas por conta da faculdade. Não estava conseguindo acompanhar, então pelo fato de eu não estar conseguindo acompanhar a faculdade me desorganizei toda. Mas o que foi mais difícil de conciliar foi a faculdade. O que mais demandou trabalho de mim e foi com o que mais tive dificuldade. Não conseguia focar na aula on-line, tinha muita coisa para me distrair, não sentia que estava absorvendo o assunto. Eu também não estava conseguindo acompanhar: Então eu senti que estava passando muito trabalho. E como a gente estava tentando se adaptar, eu acabei me perdendo. E isso me desmotivou bastante, o fato de eu não conseguir me adaptar à faculdade, até hoje eu meio que não me adaptei (RITA, Entrevista Individual).

Ela tanto no trabalho como na universidade relata dificuldade na comunicação com os sujeitos presentes nas instituições. Tanto pelas novas burocracias, que a adaptação ao modelo digital trouxe, como o aumento na irritabilidade dos sujeitos. Nem ela nem as outras entrevistadas trouxeram dificuldades específicas com a tecnologia em si, o conteúdo dito envolve, na sua maioria, questões emocionais – talvez, até certo ponto, as entrevistadas introjetavam o problema.

Torna-se pertinente que as instâncias administrativas das IES tenham clareza de que nem todos os objetivos de aprendizagem podem ser desenvolvidos nas disciplinas, de modo remoto e efetivo. Precisam também compreender que são os próprios professores os mais indicados para avaliar a viabilidade de ensinar os objetivos de aprendizagem previstos nas disciplinas em modalidade remota. (GUSSO et al p. 16, 2020)

Dito isso, percebe-se que há também uma sobrecarga nos professores que prestam serviço aos alunos e nas instituições de ensino onde eles são empregados. Então, era como se houvesse pressão de todos os lados para adaptar suas formas de avaliar e serem avaliados, o que pode gerar uma sobrecarga neles também. Parece como se a realidade se resumisse a indivíduos sobrecarregados cuidando-se entre si.

3.5 AUTOCUIDADO, ACOLHIMENTO E REDES DE APOIO SOCIAL

Na seguinte seção, temos como objetivo compreender os sentimentos vivenciados pelas mulheres em relação às demandas de conciliação entre trabalho doméstico, trabalho formal e estudos. A principal pergunta norteadora foi: como foi tentar conciliar essas demandas do mundo do trabalho, do estudo e do lar?

Consideramos várias manifestações do cuidado (acolhimento, cuidado de si e cuidado dos outros). Quem cuida de quem cuida? As mulheres participantes da pesquisa relataram abertura a serem cuidadas. Outras perguntas específicas para explorar esta categoria foram: você se sente acolhida no ambiente familiar quando surgem as demandas de trabalho e da faculdade? Onde você se sente acolhida? Nas entrevistas, apareceram principalmente os membros da família e amigos como rede de apoio.

Sim, meus pais sempre foram pessoas que me apoiaram muito então minha mãe evitava ficar na cozinha as vezes ela sempre estava preocupada atenta ao que eu precisasse (OLIVIA, Entrevista Individual)

Apesar de ela não se sentir acolhida, reconhece que a mãe realizava atos de serviço para deixar a sua experiência de home office “mais leve”.

A família base de tudo, então eu acho assim então, eu acredito que se eu estiver agradando o coração do meu marido e ele tiver me apoiando, o resto é resto... o que me importa, o que ele acha, eu penso assim: quando a gente casa, família passa a ser o principal (ADRIANA, Entrevista Individual)

Em outros momentos, na sua entrevista, Adriana também citou exemplos práticos onde o marido se colocava a disposição para estudar junto e dividir os cuidados dos filhos, como, por exemplo, ajudar os filhos com as tarefas da escola.

Meu marido é professor então ajudava muito meu filho com as exatas porque existe dificuldade no ensino a distância, me preocupei muito com a mais nova que está na alfabetização, pensei até em tirar ela da escola, meu marido disse para aguardar mais um pouco ver como vai ser como ela vai desenrolar, ajudamos ela em casa e imprimimos coisa da internet e deu tudo certo, no meio do ano já estava começando a ler e hoje ela já lê tudo. (ADRIANA, Entrevista Individual)

Sobre redes de apoio, outra entrevistada citou a própria mãe, a universidade e os amigos com quem conseguia manter contato por rede social, novamente fazendo alusão as vantagens do uso da internet.

Minha mãe e amigos, que sempre fazem parte daqueles momentos que você quer conversar desabafar, então mesmo sem poder encontrar eu acho que o WhatsApp, as ligações, as chamadas de vídeo que essas coisas que foram muito usadas facilitaram as relações. E a faculdade também sempre tentou acolher os alunos durante esse tempo, acho que isso foi muito importante, porque já estamos passando por um período difícil de estudar em casa. A coordenação divulgava horários, mandava mensagens de incentivo, sempre se colocava a disposição” (CELIA, Entrevista Individual)

A universidade, assim como as outras instituições de ensino, são espaços de socialização que poderiam ser também espaços de promoção de saúde. A internet pode ter facilitado a aproximação para alguns, como é o caso da entrevistada, mas já para outras pessoas pode ter dificultado o contato, tornando-o mais impessoal ou mais cheio de burocracias. Não obstante, não eram todas as universidades que se colocavam a disposição dos alunos.

Quando a gente vira mãe a gente se deixa muito de lado esquecia de cuidar da minha própria saúde, aprendi que para cuidar dos meus filhos, eu preciso primeiro cuidar de mim primeiro sou eu, depois eles, eu tenho que me cuidar primeiro tenho que me valorizar primeiro pra depois cuidar deles

eu não me cuidava muito só cuidava de mim quando dava tempo (ADRIANA, Entrevista Individual).

Adriana admite, no passado, ter se colocado em um lugar de ignorar o cuidado de si (da saúde) para cuidar dos outros (dos filhos e da casa). Existe um incentivo e uma romantização da figura da mãe, que coloca as necessidades dos filhos antes de suas coisas. Zanello (2018, p. 167) alerta que a forma que a maternidade se constrói na nossa cultura, implica um acúmulo de tarefas e de responsabilização para as mulheres, colocando-as numa função altamente competente de cuidados dos membros da família e da casa, onde tem como ganho narcísico e a possibilidade de sentir-se insubstituíveis. No entanto, a quebra de tal ideal, muitas vezes, traz um luto, e para lidar com ele é necessário criar outros espaços identitários e de reconhecimento.

(...) então continuamos com as mesmas preocupações tem dias que eles não querem estudar que estão mais dispersos, tem dias que eles querem, e tem dias que não querem. Eu não forcei, tentei entender o momento, o que eles estavam passando. Então, é uma responsabilidade muito grande, mas que teria que ser comigo não teria outra pessoa para exercer o papel (CELIA, Entrevista Individual).

Em ambos os trechos, as entrevistadas, que têm filhos, assumem a responsabilidade do bem-estar familiar, o cuidado de si neste discurso é ligado ao cuidado do outro; acreditam que precisam estar bem para que a família funcione - será que os pais se sentem assim também? Zanello (2018, p. 149) explica esse fenômeno como o dispositivo materno, os dispositivos seriam “categorias analíticas que nos permitem entender scripts sociais” e o dispositivo materno existe em função da naturalização de capacidade cuidar em geral que estaria presente nas mulheres, uma mescla entre a capacidade procuração e a maternagem, bem como os desdobramentos delas - como as tarefas e trabalhos domésticos e a responsabilização pelo bom funcionamento da casa. Ademais, acrescenta que o dispositivo de gênero que predomina nos homens é o da eficácia, que envolve virilidade e capacidade de prover.

Quando Celia comenta sobre não ter outra pessoa para exercer o papel, podemos ver como além do trabalho doméstico, o trabalho emocional, na maioria das vezes, é praticamente exclusivo das mulheres. No lugar de mãe solteira, ela

percebe que carrega mais responsabilidades dentro da família do que o ex-marido, que vê os filhos às vezes.

Em outra entrevista, apareceu de forma mais explícita a necessidade de ampliar acompanhamento psicossocial.

Não é que eu me sinta acolhida, mas por esse fato tive que começar um tratamento novo para aguentar a quarentena com psicóloga e psiquiatra. que tem que se intensificar por problemas pessoais e pelo fato de me sentir sobrecarregada além disso sozinha porque eu passei a não me sentir mais confortável nenhum lugar, minha ansiedade se intensificou, meus pensamentos se intensificaram e com isso a medicação o tratamento se intensificou. (RITA, entrevista individual)

Na literatura sobre o momento pandêmico, vemos a intensificação dos psicodiagnósticos. No levantamento bibliográfico, realizado por Silva e Rosa (2021), apareceu que “adolescentes e jovens adultos portadores de transtornos como o déficit de atenção e hiperatividade, transtornos de ansiedade generalizada, depressão maior e esquizofrenia podem estar mais predispostos a recaídas”. Para reverter esse quadro onde o indivíduo tem dificuldade para se autorregular, é necessário um apoio externo.

As relações sociais são processos que têm um papel crucial na constituição dos sujeitos. Para Menezes (*apud* De ALMEIDA PINTO; PONTES; Da COSTA SILVA, 2013 p.299) rede de apoio é um conjunto de relações que desempenham funções de apoio e que podem contribuir para a manutenção e sobrevivência dos membros da família e da comunidade.

A partir do momento em que as mulheres comunicam os desconfortos e se deparam com um olhar empático de quem está ao redor, cria-se um espaço de reconhecimento e novas possibilidades de transformar a realidade, e quando ela é acolhida, passa a se relacionar melhor consigo mesma e com o meio. Isso não quer dizer que a mulher irá assumir uma posição passiva de esperar “ser resgatada por alguém”, procurar ajuda pode ser um processo empoderador.

4 CONCLUSÃO

É impossível pensar uma saúde mental sem realizar os respectivos recortes de gênero, raça, classe, sexualidade, entre outros. Este estudo permitiu visualizar como a conciliação do trabalho doméstico, home-office e estudos é um desafio e como existe uma sensação de a pandemia ter agravado os problemas decorrentes da divisão desigual do trabalho produtivo e reprodutivo, dentro de uma cultura onde a conciliação é esperada majoritariamente do sexo feminino.

Não foram encontradas produções brasileiras nas bases de dados sobre a conciliação entre as 3 variáveis: estudos, trabalho e atividades domésticas.

As atividades domésticas se apresentaram tanto na forma prática (lavar a louça, limpar a casa, cozinhar) como trabalho emocional, de cuidado e preocupação com os familiares.

Dentre as demandas identificadas específicas ao contexto de trabalho em regime de home-office, a não separação entre o lar e o trabalho, assim como a falta de limites de alguns empregadores, pode levar aos empregados a ter uma constante sensação de vigilância; não obstante, o aumento do poder patronal, ao desgaste na relação empregador-empregado, a exploração e até Síndrome de Burnout.

Já nos estudos, na perspectiva da amostra, houve falta de estratégias pedagógicas efetivas para captar a atenção dos estudantes e a intensificação do sofrimento psíquico causado pela adaptação às novas formas de avaliação de desempenho dos alunos. De acordo com a literatura, nas instituições, não foi incomum o sofrimento, visto que estávamos forçando seres humanos a produzir durante a crise - uma situação em que não existia um preparo prévio para lidar com as implicações de uma pandemia. Talvez, seja cedo demais para identificar muitas das sequelas socioemocionais, a longo prazo, que este período irá deixar, justamente porque a pandemia não acabou.

Sobre redes de apoio social, foi predominante uma rede de apoio familiar, seguida pelas instituições de ensino; no trabalho formal, nenhuma das mulheres se sentiu amparada, inclusive, o sentimento envolvido tem sido de aumento nas exigências.

Além da sobrecarga e desamparo, nos discursos, identificam-se também sentimentos de resiliência e enfrentamento - caberia a realização de estudos sobre recursos de enfrentamento durante o momento pandêmico.

Verifica-se, também, a necessidade de suporte dentro das universidades e nas empresas, ofertando serviços de escuta. Considerando as singularidades dos alunos e trabalhadores, as tecnologias podem ser aliadas para mediar essa interação entre os indivíduos e as instituições, mas, para isso, é preciso de projetos de inclusão digital.

Uma limitação do estudo seria, também, que todas as mulheres da amostra tinham as suas rendas como complementares, talvez, se a renda delas fosse a principal, teríamos nos deparado com resultados diferentes.

A realização de uma pesquisa durante a pandemia, mediada pelas TIC que por dificuldades técnicas podem ter limitado a qualidade da informação recebida e a dinâmica da interação entre entrevistadora e entrevistadas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Lília Bilati de et al. **O retrato da exclusão digital na sociedade brasileira.** JISTEM-Journal of Information Systems and Technology Management, v. 2, n. 1, p. 55-67, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/jistm/a/7BZxyCX73JT9tJbBmsbfZ8w/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 28 abr. 2020.

ALMEIDA, Tânia Mara Campos de; **DILEMAS DE GÊNERO E O HOME OFFICE EM MEIO À PANDEMIA DA COVID-19** In: Teresa Carreteiro; Ludmila Guimarães; Jacyara Nasciutti. (Org.). Janelas da Pandemia. Oed.Belo Horizonte: Editora Instituto DH, 2020, v. 1, p. 39-48

AQUINO, Estela M. L. et al. **Medidas de distanciamento social no controle da pandemia de COVID-19: potenciais impactos e desafios no Brasil.** Ciência & Saúde Coletiva [online]. v. 25, suppl 1 , pp. 2423-2446. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1413-81232020256.1.10502020>>. ISSN 1678-4561. <https://doi.org/10.1590/1413-81232020256.1.10502020>. Acesso em: 25 jun. 2020

BARDIN, Lawrence. **Análise de Conteúdo.** Lisboa: Edições 70, 1977.

BENSTON, Margaret. **The political economy of women's liberation.** Monthly Review, v. 41, n. 7, p. 31-44, 1989.

BRASIL. Decreto n. 33.510, de 16 de março. **Diário oficial do estado,** Fortaleza, Ceará. 2020a, n 053, 16 de março de 2020. Disponível em: <<https://www.ceara.gov.br/wp-content/uploads/2020/04/DECRETO-N%C2%BA33.510-de-16-de-mar%C3%A7o-de-2020.pdf> > Acesso em: 28 abr. 2020.

_____. Ministério da Saúde. **O que você precisa saber.** Brasil 2020b Disponível em <<https://coronavirus.saude.gov.br/sobre-a-doenca#o-que-e-covid> /> Acesso em: 28 abr. de 2020.

_____. Ministério da Saúde. **Secretarias Estaduais de Saúde**. Brasil, 2020c Disponível em: <<http://susanalitico.saude.gov.br/#/dashboard/>>. Acesso em: 12 ago. 2020.

_____. Ministério da Saúde. **Síndrome de Burnout**. Brasil, 2022 Disponível em: <<https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/s/sindrome-de-burnout/>> Acesso em: 8 de jun. de 2022.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Código de Ética Profissional do Psicólogo**. Brasília, XIII Plenário do Conselho Federal de Psicologia. 2005

DE ALMEIDA PINTO, Neuzeli Maria; PONTES, Fernando Augusto Ramos; DA COSTA SILVA, Simone Souza. **A rede de apoio social e o papel da mulher na geração de ocupação e renda no meio rural**. Temas em Psicologia, v. 21, n. 2, p. 297-315, 2013

DALPIAZ, G. et al. **O impacto da primeira onda da pandemia de Covid-19 na saúde mental de estudantes brasileiros**. Rev. Bras. Psicoter. (Online), p. 105–119, 2021.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Tabela 2 - População residente, total e respectiva distribuição percentual, por situação do domicílio e sexo, e razão de sexo, segundo as Unidades da Federação e os municípios das capitais – 2010** In Indicadores sociais municipais : uma análise dos resultados do universo do censo demográfico 2010 / IBGE, Coordenação de População e Indicadores Sociais. Rio de Janeiro. 2011. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv54598.pdf> Acesso em: 23 jul. 2021

_____. **Estatísticas de gênero : indicadores sociais das mulheres no Brasil**. Rio de Janeiro. 2018. Estudos e Pesquisa Informação Demográfica e Socioeconômica. n.38. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2101551> Acesso em: 23 jul. 2021

_____. **Estimativas da população residente no Brasil e unidades da Federação com data de referência em 1º de julho de 2019.** Rio de Janeiro.2019. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/media/com_media/ibge/arquivos/7d410669a4ae85faf4e8c3a0a0c649c7.pdf> Acesso em: 12 ago. 2020.

FEDERICI, Silvia. **O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista.** São Paulo: Elefante. (Trad. Coletivo Sycorax.) 2019.

GUSSO, Hélder Lima et al. **Ensino Superior Em tempos de pandemia: DIRETRIZES À GESTÃO UNIVERSITÁRIA.** Educação & Sociedade [online]. 2020, v. 41 [Acessado 10 Novembro 2021] , e238957. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/ES.238957>. Epub 25 Set 2020. ISSN 1678-4626. <https://doi.org/10.1590/ES.238957>.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. **Novas configurações da divisão sexual do trabalho.** Cad. Pesqui., São Paulo , v. 37, n. 132, p. 595-609, Dec. 2007 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742007000300005&lng=en&nrm=iso>. Acesso dia 27 abril de 2020. <https://doi.org/10.1590/S0100-15742007000300005>.

LOSEKANN, Raquel Gonçalves Caldeira Brant; MOURÃO, Helena Cardoso. **DESAFIOS DO TELETRABALHO NA PANDEMIA COVID-19: QUANDO O HOME VIRA OFFICE.** Caderno de Administração , v. 28, p. 71-75, 5 jun. 2020. MINAYO, Maria Cecília de Souza. O Desafio do Conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo. Editora Hucitec. 12 edição. 2010

MONTEIRO, Rodrigo Padrini; ARAUJO, José Newton Garcia de; MOREIRA, Maria Ignez Costa. **Você, dona de casa: trabalho, saúde e subjetividade no espaço doméstico.** Pesqui. prá. psicossociais, São João del-Rei , v. 13, n. 4, p. 1-14, dez. 2018 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082018000400002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 24 abr. 2020.

MUÑOZ TERRÓN, José María; MARTÍN PALOMO, María Teresa. **Hombres y mujeres en los cuidados: viejos y nuevos modelos para la igualdad**. CUADERNOS KÓRE, [S.l.], p. 149-178, sep. 2014. ISSN 1989-7391. Disponível em: <<https://e-revistas.uc3m.es/index.php/CK/article/view/2038>>. Acesso em 13 ago. 2020

NUNES, Maria Lucia Tiellet. **Entrevista como instrumento de pesquisa**. In: MACEDO, Monica Medeiros Kother; CARRASCO, Leanira Kesseli (org.). (Con)textos de Entrevista: Olhares diversos sobre a interação humana. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2016 .p 207-222

OLIVEIRA, Anita Loureiro de. **Espacialidade aberta e relacional do lar: a arte de conciliar maternidade, trabalho doméstico e remoto na pandemia de Covid-19**. Rev. Tamoios, São Gonçalo (RJ), ano 16, n. 1, Especial COVID-19. pág. 154-166, maio 2020 Disponível em < <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/tamoios/article/view/50448/33479>>. Acesso em: 24 abr. 2020.

OLIVEIRA, Perez. **EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA E PANDEMIA: MOMENTO REMOTO DE ENSINO OU EDUCAÇÃO COLONIZADA?**. In: Teresa Carreiro; Ludmila Guimarães; Jacyara Nasciutti. (Org.). Janelas da Pandemia. 0ed. Belo Horizonte: Editora Instituto DH, 2020, v. 1, p. 0-500.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Folha informativa COVID-19**. Disponível em <https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=6101:COVID19&Itemid=875> Acesso em: 21 abr. 2020.

OIT. Organização Internacional do Trabalho. **Teletrabalho durante e após a pandemia da COVID-19**. Jul 2020. Disponível em: https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---europe/---ro-geneva/---ilo-lisbon/documents/publication/wcms_771262.pdf Acesso em 27 set. 2021.

OPAS. ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. **Entenda a infodemia e a desinformação na luta contra a COVID-19.** 2020. Disponível em: https://iris.paho.org/bitstream/handle/10665.2/52054/Factsheet-Infodemic_por.pdf?sequence=16 Acesso em: 07 jun. 2022

PALMA CAMPOS, Claudia. (2020). **De académicas, pandemia, encierro y bitácoras: experiencias de algunas universitarias en el contexto del COVID-19.** Revista Reflexiones, 99(2). Disponível em: <https://doi.org/10.15517/rr.v99i2.42271> Acesso em: 06 jun. 2022

SEMPREVIVA ORGANIZAÇÃO FEMINISTA; ORGANIZAÇÃO FEMINISTA GÊNERO E NÚMERO. **Sem Parar. O trabalho e a vida das mulheres na pandemia.** Relatório Completo, julho de 2020. Disponível em: https://mulheresnapandemia.sof.org.br/wp-content/uploads/2020/08/Relatorio_Pesquisa_SemParar.pdf Acesso em: 18 nov. 2021.

SILVA, S. M. da; ROSA, A. R. **O IMPACTO DA COVID-19 NA SAÚDE MENTAL DOS ESTUDANTES E O PAPEL DAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO COMO FATOR DE PROMOÇÃO E PROTEÇÃO.** Revista Prâksis, [S. l.], v. 2, p. 189–206, 2021. DOI: 10.25112/rpr.v2i0.2446. Disponível em: <https://periodicos.feevale.br/seer/index.php/revistapraksis/article/view/2446>. Acesso em: 6 jun. 2022.

SOUZA, Carolina Rodrigues Alves de ; RABELLO, A. M. V. ; MARTINS, L. R. . **Educação Remota em Tempos de Covid-19.** In: Teresa Carreteiro; Ludmila Guimarães; Jacyara Nasciutti. (Org.). Janelas da Pandemia. 0ed. Belo Horizonte: Editora Instituto DH, 2020, v. 1, p. 0-500.

VIANNA, Cristina; DINIZ, Gláucia. **Gênero, feminismo e saúde mental: implicações para a prática e a pesquisa em psicologia.** In: ZANELLO, Valeska; ANDRADE, Ana Paula Müller de. (Org.) Saúde Mental e Gênero: diálogos, práticas e interdisciplinaridade. Curitiba: Appris, 2014. p. 81-106

ZANELLO, Valeska. **Saúde mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação.** Editora Appris, 2018.

APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA

Nome:
Ocupação (trabalho remunerados ou estágio assalariado)
Idade:
Estado civil:
Curso:
Semestre e previsão para conclusão:
Comente um pouco sobre sua história na graduação (curso, se é a primeira graduação, segunda graduação...) Justificativa: saber o motivo que fez a pessoa escolher a graduação e se já desistiu de alguma graduação previamente e se o motivo da desistência foi ou não relacionado a rotina/cuidados da casa/filhos
Quantidade de pessoas no distanciamento e grau de parentesco
Há alguém com necessidades específicas? (grupo de risco, crianças, idosos, deficientes físicos, entre outros) Caso exista alguém com necessidades específicas, perguntar quem se dispõe a cuidar daquela pessoa.
Faça uma breve descrição da sua rotina durante o lockdown
Mudou algo em sua rotina em função do distanciamento social?
Quais os principais desafios nesse momento?
Como tem sido sua experiência na adaptação ao home-office?
Qual a sua relação com as demandas envolvendo o estudo?
Qual a sua relação com as demandas domésticas? (tempo dedicado, tempo envolvido, quem faz e como)
Como foi tentar conciliar essas demandas do mundo do trabalho, do estudo e do lar?
Você se sente acolhida no ambiente familiar quando surgem as demandas de trabalho e da faculdade?
Como você se sentiu frente a tudo isso? Onde você se sente acolhida?

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIMENTO (TCLE) PARA PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA

Você está convidado(a) a participar da pesquisa intitulada “**Os desafios na conciliação do trabalho doméstico, trabalho formal e estudos durante o período de distanciamento social na cidade de Fortaleza**”. Tal pesquisa tem por objetivo compreender os desafios das mulheres na conciliação do trabalho doméstico, home-office e estudos, durante o período de distanciamento social, em virtude da Pandemia do COVID 19.

No caso específico de sua participação, o pesquisador realizará uma entrevista com você, onde serão feitas algumas perguntas que poderá responder de forma livre. Não há respostas certas ou erradas e não haverá identificação do seu nome. Não haverá retorno financeiro pela sua participação e oferecemos como benefício os resultados dessa pesquisa.

Com essas informações, gostaria de saber a sua aceitação em participar da pesquisa. É necessário esclarecer que: 1. A sua aceitação/autorização deverá ser de livre e espontânea vontade; 2. A identificação de todos os envolvidos será mantida em sigilo; 3. Que você poderá desistir de participar a qualquer momento, sem qualquer prejuízo para você; 4. Será permitido o acesso às informações sobre procedimentos relacionados à pesquisa; 5. Não haverá riscos ou desconfortos causados pela pesquisa; e 6. Somente após devidamente esclarecido (a) e ter entendido o que foi explicado, deverá assinar este documento que será emitido em duas vias.

A participação nesta pesquisa não traz complicações legais. Os procedimentos utilizados obedecem aos critérios da Ética na Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução 466/12 e Resolução 510/16 do Conselho Nacional de Saúde. Nenhum dos procedimentos utilizados oferece riscos à dignidade dos participantes. Em caso de dúvida sobre a pesquisa e seus procedimentos, poderá comunicar-se com a coordenadora da pesquisadora Prof.^a Dr^a Bárbara Barbosa Nepomuceno, pelo endereço da Faculdade Ari de Sá, Av. Heráclito Graça, 826 - Centro, Fortaleza/ CE, CEP: 60140-060, e/ou telefone: (85) 3077-9700.

_____, ____ de _____ de _____.

Assinatura do sujeito da pesquisa

Assinatura do (a) pesquisador (a)

Prof^a. Dra. Bárbara Barbosa Nepomuceno
Orientadora da Pesquisa